



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

**Debatendo gramática, Linguística e ensino de Língua: As contribuições dos escritos de
Lucia Lobato para a transformação do ensino de língua portuguesa**

Amanda de Oliveira Siebra

Brasília

2023

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

Amanda de Oliveira Siebra

**Debatendo gramática, Linguística e ensino de Língua: As contribuições dos escritos de
Lucia Lobato para a transformação do ensino de língua portuguesa**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como
requisito parcial para a obtenção de grau de
Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e sua
respectiva literatura pela Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Paulo Medeiros Junior

Brasília

2023

Debatendo gramática, Linguística e ensino de Língua: As contribuições dos escritos de Lucia Lobato para a transformação do ensino de língua portuguesa

LOBATO, Lucia. *Linguística e ensino de línguas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

Por: Amanda de Oliveira Siebra

Palavras-chave: *Linguística, Ensino, Língua materna, Gramática tradicional.*

Contextualização

Linguística e ensino de línguas (LOBATO, 2017), em seu segundo volume, traz à tona reflexões que permearam a trajetória científica de Lucia Lobato e estiveram bastante presentes em sua pesquisa e episódios de sua carreira. Voltada para a análise linguística sobre uma perspectiva de ensino, no livro, a linguista trabalha a distância entre linguística teórica e o ensino de línguas, ou seja, trata o distanciamento entre a linguística científica e aquela vista dentro de sala de aula, transpassada dos professores para os alunos da educação básica.

Apoiando-se em três especiais palestras de Lucia Lobato, das quais o conteúdo foi retirado e organizado em três capítulos específicos e em 54 páginas, o livro segmenta-se, fazendo uso da versão original dos textos apresentados pela autora, sendo esses textos discussões que versam entre o papel do professor de educação básica e a linguística, o aspecto criativo do uso normal das línguas e, o último, mais um aprofundamento em linguística e o ensino de línguas.

Lucia Lobato foi uma grande pesquisadora gerativista brasileira, que atuou ativamente no campo da sintaxe. No entanto, mesmo imersa no ambiente acadêmico, sempre se interessou pela linguística aplicada viva em sala de aula e na maneira como ela se comporta. Com um falecimento precoce em 2005, deixou inúmeras contribuições em seus estudos, sendo o livro em questão apenas uma delas.

Apresentação

No prefácio nomeado *O Linguista e o professor* (p. 11-13), por Maria José Faltran, sintetizam-se os textos de Lobato de maneira breve, de modo a pontuar o intuito da autora em

propor uma ponte entre o âmbito da teoria linguística e o ensino, os quais poderiam ser próximos, entretanto, na prática, não são. Nesse contexto, já é brevemente adiantada a insatisfação de Lobato em relação ao claro distanciamento entre o desenvolvimento da língua enquanto ciência e o desenvolvimento da língua enquanto prática, principalmente no ambiente pedagógico. Além disso, outro descontentamento apontado é a falta de pesquisas recentes, que visem discutir o assunto e contribuir para a adequação dos materiais pedagógicos, de maneira a auxiliar ainda mais os professores no ensino da Língua Portuguesa.

Ressalta-se a necessidade da existência de uma gramática pedagógica voltada para a pragmática do emprego linguístico, que busque sustentar as múltiplas facetas e variantes da língua, não excluindo ensino gramatical da premissa científica. Dessa forma, é aberto um adendo no que se refere à importância da linguística científica, sendo ela responsável pelo desdobramento de estudos que sirvam de base para o desenvolvimento de materiais didáticos que contemplem todas as necessidades linguísticas apontadas, de modo a possibilitar o trabalho de fatos da língua em sala de aula, viabilizando um ensino produtivo e mais realista.

Em *O que o professor da educação básica deve saber de linguística* (P.14-30), Lucia Lobato trata do conceito de gramática diante de suas alternâncias de definição, podendo ser ela mais estática ou dinâmica, apesar de ambas possuírem suas particularidades e normas acerca da descrição de uma determinada língua. Neste momento, volta-se o foco para a gramática de língua materna. No que compete ao teor da gramática dinâmica, a que cumpre à singularidade do indivíduo, elenca-se a definição de *faculdade da linguagem* (CHOMSKY, 1965), termo que refere à linguagem como inerente ao ser humano, constituindo-se do que ficou conhecido como gramática universal (GU). Pensando na noção de GU, uma característica fundamental das línguas naturais é a criatividade, que proporciona a diferenciação da língua humana para qualquer outra e o que faz a língua ser tão mutável e com inúmeras possibilidades, dentro de um determinado sistema possível, principalmente no que se relaciona à língua falada.

Nesse sentido, pensando nos conceitos já mencionados de mutabilidade e criatividade, falar sobre chomsky novamente atrelado ao conceito de gramática, Lobato reflete sobre a importância da profissionalização do professor da Educação Básica. Isso se dá uma vez que se faz necessário que o professor, além de compreender os conceitos mencionados, entenda sua funcionalidade na prática, de modo que seja possível executar o ensino de forma mais ampla e abrangente. Apesar disso, a autora pontua que não é obrigação do professor de língua materna adentrar em todos os conceitos e estudos realizados por linguistas teóricos, mas enfatiza que

manter-se atualizado sobre conhecimentos de linguística mais recentes, é uma complementação fundamental das concepções já desenvolvidas durante a graduação, o que vai auxiliar esse professor a trabalhar, assim, em sala, com o caráter criativo das línguas.

Lembrando que, de acordo com Chomsky (1965), a faculdade da linguagem é inerente a todos os indivíduos, Lobato se refere aos agentes da educação, sendo professores e escola, como sendo eliciadores do conhecimento da língua. Ou seja, entende-se que, no ambiente escolar, esses agentes da educação não construirão o conhecimento de língua do zero com seus alunos, pelo contrário, funcionarão como potencializadores de um conhecimento já inerente ao indivíduo, que, com o auxílio do professor, apenas será melhor explorado, com base na faculdade da linguagem.

Nesse caso, é de extrema importância que todo o material utilizado para debater os conteúdos tenha um enfoque estratégico, visando uma metodologia ativa, na qual seja possível usufruir daquilo que o aluno já possui, por meio da exposição à sua realidade, associado ao novo saber da gramática tradicional. A autora, a partir de então, menciona os desafios que o ensino de gramática enfrenta perante os Parâmetros Curriculares Nacionais, que propõem uma reformulação no ensino, eliminando os conteúdos de gramática.

Para a autora, essa decisão é equivocada, pois o ensino teórico, passando pela taxonomia, é necessário e agregador ao saber, o importante é que esse “ensino” seja transformado; é preciso repensar os processos e rever a maneira como tudo é ensinado. A autora reflete que a resolução dos desafios mencionados anteriormente não sugere a exclusão do estudo teórico dos planejamentos de ensino da Educação Básica, mas, pelo contrário, reafirma a necessidade de reformulações que abranjam as múltiplas realidades linguísticas. Essas reformulações e adequações são necessárias em todo o caminho do conhecimento, desde os estudos Universitários, até os estudos desenvolvidos no ambiente escolar, que, por sua vez são norteados por documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais, sendo que estes também carecem de reformulações e adequações.

Dessa forma, esses fundamentos curriculares que visam por abonar, de certa forma, o ensino de gramática, conforme a defesa da autora, não são justos, visto que, ao desenvolver a escrita e demais domínios da taxonomia e da teoria, o falante desenvolve juntamente sua oralidade, afinal, um estudo influencia o outro e vice-versa. Além disso, impasses entre as análises gramaticais tradicionais e as análises mais recentes impactam diretamente o ensino da

gramática na Educação Básica, isso se dá uma vez que alguns importantes conceitos recaem em divergência, o que acaba por dificultar as interpretações tanto dos professores quanto dos estudantes.

Um exemplo dessas divergências é a discussão apresentada pela autora a respeito das classificações dos verbos, na Língua Portuguesa. A classificação apresentada nas escolas leva em consideração a categorização dos verbos em dois grandes grupos - verbos transitivos e verbos intransitivos - de modo a não reconhecer a distinção entre verbos inergativos e verbos inacusativos, o que difere dos estudos atuais. Lobato pondera que compreende a complexidade dessas análises modernas, mas aponta para a importância de incorporar, em algum momento e de forma adaptada, análises como essa ao ensino da língua materna.

No capítulo *O Aspecto criativo do uso normal das línguas* (p. 32-40), voltando sua perspectiva para a temática da criatividade, Lucia Lobato dialoga a respeito do modo como a linguagem humana é criativa e maleável para combinações. Segundo Chomsky (2006), o Aspecto Criativo da língua humana se refere à capacidade de usarmos a língua e formarmos uma infinidade de combinações de elementos que exprimem pensamentos sem estímulos externos. A esse aspecto criativo da língua humana, sendo presente somente nesses seres, atribui-se uma habilidade de adequação da fala perante cada situação específica, não limitando apenas ao que o falante viveu ou presenciou em algum momento presente, percebendo-se, mais uma vez, como um indivíduo autônomo de expressão e estímulo.

No que se refere ao aspecto criativo da língua, Lucia exemplifica que, a partir de um substantivo somente, uma quantidade absurda de combinações pode ser gerada, junto à construções de sintaxe e propriedades da recursividade. Há também, diante de algumas classes gramaticais, o surgimento e a possibilidade do uso criativo, nesse momento, criando novas palavras de acordo com uma necessidade específica, muito visto na morfologia. Por fim, torna-se evidente pela autora, que o mecanismo da geratividade existente nas línguas é totalmente similar ao visto na estrutura e funcionalidade de palavras na atividade da sintaxe.

Em *Linguística e Ensino de Línguas* (p.42-54), último capítulo e que intitula o nome da obra, a autora realiza um grande apanhado direcionado ao ensino de língua materna, sobre as contribuições linguísticas nesse contexto, os modelos linguísticos, a Sociolinguística e a renovação gramatical no Brasil, com uma perspectiva realista sobre a responsabilidade da linguística diante do ensino língua, propõe-se uma busca contínua por resultados de estudos

sistemáticos que amparem e sejam guias para materiais usados nas escolas. Nessa tarefa, resta ao pesquisador da língua selecionar conteúdos que sejam relevantes e tragam fatos da mesma, essenciais ao ensino, de maneira mais abrangente possível quanto às suas variações, uma seleção desempenhada, e, posteriormente, posta em conjunto com pedagogos e autores, sendo um trabalho mútuo em prol de um resultado final adequado.

No entanto, ressalta-se que, apesar de ser necessária uma equipe multifacetada, com linguistas e professores, no que se refere aos estudos realizados acerca dos assuntos mencionados, não cabe a esses profissionais a definição de legislações e diretrizes de ensino da língua materna para a educação básica, o que evidencia a importância da atuação dos Órgãos responsáveis da educação no que diz respeito à normatização do ensino da língua, bem como de suas atualizações.

O avanço no estabelecimento de pilares didáticos mais firmes com questões heterogêneas da língua na construção desses materiais se prejudica também pela elaboração necessária de um modelo linguístico inexistente no português brasileiro hoje. Permeando as escolhas e definições do linguista, ainda está sempre a gramática tradicional, que de certa forma limita os avanços por escolhas mais abrangentes da língua, justo por ser um modelo linguístico focado na frase como última unidade de análise, afastando-se de unidades maiores e estruturas heterogêneas derivadas de variações ocorridas na oralidade e entre diversas comunidades, um dos objetivos principais de investigação e propósito da sociolinguística. Finalizando o apanhado de informações que envolve a Sociolinguística e o ensino, junto ao dilema dos modelos linguísticos possíveis, o que deixou claras as barreiras presentes no caminho do ensino de língua hoje, Lobato traça um diálogo a respeito da renovação da abordagem no Brasil e como ela pode ser feita, sendo sua principal demanda a ampliação do conhecimento e da ponderação sobre teorias atuais, que orientem principalmente a produtividade e não tão somente a prescrição.

Discussão

O livro trata de uma discussão aprofundada sobre os desafios do ensino de língua materna mediada pela linguística teórica. O estudo realizado por Lucia Lobato em todos os momentos de *Linguística e ensino de línguas* enfatiza, principalmente, os desdobramentos que a educação encara perante o ensino de língua materna, evocando na prática o contato com teorias gerativas e princípios sociolinguísticos, sendo essa teoria e ciência intrínsecas ao processo. A obra se faz necessária e, ao mesmo tempo, sucinta no que diz respeito a transpor a

estagnação nos processos de ensino de língua, e a militância em prol da adoção de uma abordagem que seja mais próxima até mesmo da realidade de fala dos estudantes.

A obra contém vários pontos interessantes, sendo alguns principais:

- A) O papel do professor como mediador do aprimoramento dos saberes linguísticos. Aqui, aponta-se a importância de o professor de educação básica se atentar para questões linguísticas mais técnicas e teóricas como forma de facilitar seu trabalho e também o valor de esse professor buscar novas estratégias que viabilizem a aquisição de conteúdos gramaticais por parte dos alunos. Atentar-se aos desdobramentos mais recentes de certas teorias que debatem a realidade da língua não como algo estático, mas como algo dinâmico, produto da mente humana. Além disso, a obra visa debater e propor condutas que possam ser aperfeiçoadas durante a graduação do curso de letras, a fim de aprimorar essas práticas em um melhor preparo para a licenciatura.
- B) Argumentação sobre o desempenho positivo da gramática como aliada ao entendimento de uma língua e não apenas como ditadora de regras e normas complexas em casos isolados. Uma busca por categorizar sistemas e fatos estruturais da gramática teórica como eliciadores do entendimento concreto e criativo dos estudantes, bem como provedores de uma melhora na escrita e autonomia interpretativa em outros campos do conhecimento, como discursivo, oral e literário. A discussão na obra enfatiza que deve-se modificar as gramáticas escolares e jamais extingui-las.
- C) A natureza criativa da língua. Habilidade de se transformar e moldar unidades de sistemas conforme situações e diferentes contextos, possuindo combinações ilimitadas, sendo o aspecto criativo defendido por Chomsky, e que a autora lista como uma aptidão associada ao emprego de novos modelos linguísticos para o contexto pedagógico.
- D) A necessidade do desenvolvimento de uma nova abordagem gramatical baseada em modelos linguísticos. Busca comum exposta em todos os capítulos do livro, revelação da urgência de se ampliar o debate sobre abordagens baseadas em sistemas linguísticos de modo que isso chegue até as escolas.

O livro, cujo conteúdo foi retirado de palestras proferidas pela cientista, traz à tona uma problemática notável do campo da educação e, principalmente, da linguística. O trabalho se notabiliza por trazer à baila essa correlação entre os dois cenários, língua e escola, gramática e

ensino, principalmente no que diz respeito ao ensino de português. Contudo, por mais óbvio e simples que pareça tamanha discussão, parece que estamos diante de uma resolução pertinente que ainda está distante de ter um termo consensual.

A linguística, por suposto, é uma ciência ainda muito nova, que teve sua origem e desenvolvimento há poucas décadas e encara, desde sua aplicação oficial, consequências decorrentes de áreas que mediarão os cursos de letras anteriormente, como a filologia e gramática normativa “Até a criação das primeiras disciplinas universitárias de Linguística, ocorrida nos primeiros anos da década de 1960, o estudo da língua ficava por conta de duas figuras de profissionais: o filólogo e o gramático” (ILARI, 2009, p. 03). Os estudos vindos dessas doutrinas influenciaram um grande número de professores e estudiosos dos cursos de letras formados naquele momento, que compreendiam os saberes da língua portuguesa restritos a ocorrências extremamente cultas e até elitistas, direcionadas à compreensão de sistemas e regras absolutas. Em consequência dessa conjuntura, o corpo de professores que chegava em sala de aula se deparava com um encadeamento de dificuldades no ensino de gramática, que se estende até os dias atuais.

Por isso, analisando cenários da pedagogia da língua no momento dos estudos realizados por Lobato, hoje, faz-se visível o quanto existem lacunas a serem aprimoradas nesse contexto e que, por mais limitante que se pareça, principalmente com os resultados e alegações observados em *Linguística e ensino de línguas*, a linguística é o instrumento principal para uma renovação desse cenário. Isso é apontado em estudos de Rodolfo Ilari, quando o autor propõe que “A alfabetização, a produção de textos e a leitura são atividades básicas do ensino de língua materna, e são também questões que a Linguística ajudou a repensar e reformular, nos últimos anos, confirmando que a parceria Linguística-Ensino é benéfica.” (2009, p. 19). Através dela, como figura orientadora nesse processo, preceitos, análises de termos e futuras modificações em novas gramáticas se tornam mais possíveis, apesar de não ser uma jornada fácil, visto que há desconexão de interesses por parte dos elaboradores e das expectativas dos atores da educação básica. Não que sejam interesses, mas necessidades reais presentes no ensino de língua materna, que urge alterações em seus materiais, em prol de dissociar aquela prática engessada e normativa de gramática, a mesma aplicada nas universidades décadas atrás, o que acaba por gerar uma verdadeira demanda de atualização dos modelos linguísticos, que trará resultados com o passar dos tempos. Com uma nova abordagem e gramáticas escolares mais inclusivas, principalmente quanto à expansão e nível de determinadas análises e variações -

essa última uma cooperação assídua de sociolinguistas - junto ao afinco e preparo dos professores escolares nesse sentido, poderá culminar em uma modernização produtiva do ensino de língua materna.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC-SEB, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 21 jun. 2023.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1965.

CHOMSKY, Noam. *Language and Mind*. 3rd Edition. Cambridge, Cambridge University Press, 2006.

ILARI, Rodolfo. *Linguística e ensino de língua portuguesa como língua materna*. Museu da Língua Portuguesa – Estação da Luz. São Paulo, 2009. Disponível em: museudalinguaportuguesa.org.br. Acesso em: 05 jul. 2023.

LOBATO, Lucia. *Linguística e ensino de línguas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

MARCUSCHI, Luiz. *O papel da linguística no ensino de línguas*. Diadorim, Rio de Janeiro, v 18, n 2, p. (12-31), dezembro, 2016.

NONATO, Sanoval. *Oralidade, ensino de língua portuguesa e formação do professor*. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, São Paulo, v.19, n. 1, p. (49-68), março, 2019.